

MEMÓRIA COLETIVA EM MOVIMENTO: PRÁTICAS CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS

COLLECTIVE MEMORY IN MOTION: CULTURAL PRACTICES AND THE CONSTRUCTION OF SOCIAL IDENTITIES

Recebido em: 14/08/2024

Reenviado em: 09/06/2025

Aceito em: 16/06/2025

Publicado em: 29/07/2025

Karine da Silva Rios¹ 
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a inter-relação entre memória coletiva e práticas culturais na construção e manutenção da identidade coletiva em diferentes contextos socioculturais. Adotou-se o método de revisão bibliográfica sistemática, com a análise de produções científicas nacionais e internacionais publicadas entre 2000 e 2025. Os resultados indicam que as práticas culturais, tais como rituais, celebrações e tradições orais, configuram-se como dispositivos simbólicos essenciais para a ativação e atualização da memória coletiva, sendo fundamentais para a transmissão de valores, a coesão social e a resistência identitária. Destaca-se que a memória coletiva não é estática, mas dinâmica, renovando-se continuamente por meio dessas práticas, sobretudo em contextos de opressão histórica e transformações sociopolíticas. A articulação entre memória e práticas culturais configura-se, portanto, como um campo estratégico para a compreensão das identidades sociais, ressaltando a importância de políticas culturais que valorizem a diversidade e fortaleçam os vínculos comunitários.

Palavras-chave: Memória Coletiva; Práticas Culturais; Identidade Coletiva; Revisão Bibliográfica Sistemática.

Abstract: This article aims to analyze the interrelationship between collective memory and cultural practices in the construction and maintenance of collective identity in different sociocultural contexts. A systematic literature review method was adopted, analyzing national and international scientific publications between 2000 and 2025. The results indicate that cultural practices, such as rituals, celebrations, and oral traditions, are essential symbolic devices for activating and updating collective memory, and are fundamental for the transmission of values, social cohesion, and identity resistance. It is noteworthy that collective memory is not static, but dynamic, continually renewing itself through these practices, especially in contexts of historical oppression and sociopolitical transformations. The articulation between memory and cultural practices is therefore a strategic field for understanding social identities, highlighting the importance of cultural policies that value diversity and strengthen community ties.

Keywords: Collective Memory; Cultural Practices; Collective Identity; Systematic Literature Review.

INTRODUÇÃO: O QUE É MEMÓRIA COLETIVA E COMO ELA SE RELACIONA COM AS PRÁTICAS CULTURAIS?

A noção de memória coletiva refere-se ao conjunto de lembranças compartilhadas por um grupo social, sendo fundamental para a constituição e continuidade das identidades coletivas. Embora tenha sido amplamente desenvolvida pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, que argumentava que tais memórias não são apenas somatários de vivências individuais, mas sim construídas socialmente a partir de experiências comuns (Halbwachs, 1950), o conceito tem

¹Aluno do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: karinesilvarios@gmail.com.

sido ampliado por autores contemporâneos. Halbwachs destacou que a memória coletiva é moldada pelas estruturas sociais e pelas relações entre os sujeitos, o que a torna um fenômeno essencialmente relacional e cultural.

Atualmente, estudiosos como Jan Assmann (1995) ampliam esse entendimento ao diferenciar entre “memória comunicativa”, enraizada nas interações do cotidiano, e “memória cultural”, sustentada por instituições, símbolos e práticas rituais que transcendem gerações. De forma semelhante, Connerton (1989) enfatiza o papel do corpo e da performance na preservação de memórias sociais, enquanto Lambek (2001) aponta que lembrar coletivamente envolve também uma ética da memória, isto é, uma responsabilidade em relação ao que se escolhe rememorar e esquecer.

Essas memórias partilhadas são continuamente reatualizadas por meio de narrativas, expressões simbólicas, tradições e celebrações que reforçam os sentidos de pertencimento e continuidade histórica. Ao contrário da memória individual, frequentemente marcada por lacunas e subjetividades, a memória coletiva tende a apresentar uma coesão maior, funcionando como suporte identitário para grupos sociais diversos. Ela é, portanto, simultaneamente dinâmica e normativa, refletindo tanto os processos de resistência quanto os mecanismos de poder implicados na seleção do que deve ser lembrado ou silenciado.

Além das contribuições de Halbwachs (1950), estudos contemporâneos destacam a importância da memória coletiva na formação da identidade nacional. Gonzaga e Arruda (2022), por exemplo, argumentam que a identidade nacional é uma construção contínua que depende da consolidação de memórias compartilhadas. Eles enfatizam que, em contextos de disputas políticas e sociais, a memória coletiva atua como um elemento fundamental na coesão e na construção de uma identidade nacional sólida.

No processo de construção e consolidação da identidade coletiva, as práticas culturais ocupam um lugar central, uma vez que são responsáveis pela manutenção e atualização contínua das memórias e dos significados compartilhados por determinado grupo social. Tais práticas compreendem um amplo espectro de expressões sociais — incluindo rituais, celebrações, hábitos cotidianos, narrativas orais, entre outras manifestações simbólicas — que funcionam como veículos de transmissão de valores, crenças e formas de vida que definem uma coletividade ao longo do tempo (Geertz, 1973; Silva; Brito, 2021).

Nesse processo de construção e consolidação da identidade coletiva, as práticas culturais assumem um papel estruturante, ao funcionarem como mecanismos de mediação simbólica que asseguram a preservação e a reatualização da memória coletiva ao longo do tempo. Essas

práticas englobam um conjunto de expressões socioculturais — tais como rituais, celebrações, narrativas, hábitos cotidianos e tradições — que materializam valores, crenças e sentidos compartilhados por um grupo, conferindo-lhe continuidade histórica e coesão social (Geertz, 1973; Candau, 2016).

De acordo com Candau (2016), tais práticas não apenas expressam identidades coletivas, mas também atuam na reprodução simbólica da memória social, sendo responsáveis por manter vivos os marcos referenciais que sustentam o pertencimento grupal. Elas operam como instrumentos pedagógicos e comunicativos, por meio dos quais experiências coletivas são difundidas, reinterpretadas e legitimadas socialmente, estabelecendo pontes entre passado, presente e futuro.

Nesse sentido, observa-se que a mediação da memória coletiva por meio das práticas culturais constitui um processo ativo e contínuo, permeado por disputas de significação e negociações identitárias. Em contextos contemporâneos, como demonstram Paula e Winques (2024), essas práticas são também reformuladas nas dinâmicas digitais, nas quais os sujeitos reconfiguram símbolos e narrativas culturais em ambientes mediados por tecnologias, reafirmando pertencimentos e promovendo coesão social em novas territorialidades simbólicas.

Dessa forma, tanto as práticas culturais tradicionais quanto aquelas emergentes nos ambientes digitais contribuem de maneira significativa para a produção e reprodução da identidade coletiva. Elas operam como mecanismos de mediação entre o passado e o presente, entre a memória e a ação social, assegurando a continuidade das experiências compartilhadas e a articulação de sentidos coletivos. Em consonância com esse entendimento, Gonzaga e Arruda (2022) afirmam que a consolidação de memórias compartilhadas, articuladas por práticas culturais, constitui um elemento estruturante da identidade nacional, sobretudo em contextos de disputas simbólicas e sociais.

As práticas culturais desempenham um papel crucial na preservação do legado de grupos sociais, funcionando como suportes simbólicos para a ressignificação de experiências e a construção de narrativas coletivas em constante diálogo com a realidade contemporânea. Essa perspectiva evidencia a importância de compreender tais práticas como dimensões estruturantes das dinâmicas identitárias e sociais, especialmente em contextos marcados pela pluralidade e pela busca por reconhecimento. Canen (2005) argumenta que a valorização da diversidade cultural nas práticas educativas é fundamental para promover uma cidadania multicultural e participativa, desafiando estereótipos e preconceitos arraigados.

Nesse sentido, a integração de abordagens interculturais críticas no currículo escolar pode contribuir significativamente para a construção de identidades mais inclusivas e reflexivas. Complementarmente, estudos recentes têm demonstrado que práticas culturais — tais como rituais comunitários, festivais, performances artísticas e usos públicos da história — constituem arenas simbólicas em que memórias coletivas são disputadas, reforçadas, silenciadas ou ressignificadas, evidenciando seu caráter eminentemente político e performativo. Por exemplo, Pollak (2012) analisa como a memória de regimes autoritários é reconstruída nas comemorações públicas e monumentos urbanos na América Latina, onde diferentes grupos disputam o reconhecimento de suas narrativas históricas.

Por sua vez, Rigney (2018) investiga a circulação transnacional de narrativas traumáticas e a forma como a cultura midiática contemporânea reconfigura hierarquias de lembrança e esquecimento em contextos pós-coloniais. No Brasil, o estudo de Candau (2017) sobre memória e identidades coletivas mostra como escolas públicas e comunidades afrodescendentes mobilizam práticas educativas e culturais como formas de resistência à marginalização e de afirmação de pertencimentos plurais.

Essas abordagens se alinham ao argumento de que a memória coletiva não é apenas um repositório passivo do passado, mas um campo dinâmico de negociação, em que as práticas culturais se tornam espaços estratégicos de atuação política, mediação social e construção de sentidos identitários. Dessa maneira, essa pesquisa se justifica pela relevância científica presente na relação entre memória coletiva e práticas culturais, as quais são fundamentais para a compreensão de como os grupos sociais constroem, mantêm e transmitem sua identidade ao longo do tempo.

Estudar essa relação permite entender os mecanismos através dos quais as sociedades preservam suas tradições, valores e histórias, moldando assim a identidade coletiva e o senso de pertencimento entre os membros do grupo. Sendo assim, o objetivo geral desse estudo é analisar a inter-relação entre memória coletiva e práticas culturais, explorando como esses conceitos se influenciam mutuamente e contribuem para a construção e manutenção da identidade coletiva ao longo do tempo.

Desse modo, este trabalho buscou investigar as diversas formas de práticas culturais, identificando como essas práticas atuam na preservação e perpetuação da memória coletiva de forma intergeracional em diferentes contextos socioculturais; sinalizando as lacunas e desafios presentes na pesquisa sobre memória coletiva e práticas culturais e propondo áreas para futuras investigações acadêmicas a respeito da referida temática.

PANORAMA ATUAL DAS PESQUISAS SOBRE MEMÓRIA COLETIVA E PRÁTICAS CULTURAIS

O campo de estudos sobre memória coletiva e práticas culturais tem se consolidado como uma vertente fundamental nas ciências sociais e humanas, particularmente nas áreas da antropologia, sociologia, psicologia social e história. O crescente interesse por essas categorias teóricas decorre da sua centralidade na compreensão dos processos de formação, manutenção e transformação das identidades coletivas, especialmente em contextos marcados por disputas simbólicas, desigualdades estruturais e dinâmicas de reconfiguração histórica e cultural.

A conceituação de memória coletiva foi sistematizada inicialmente por Maurice Halbwachs (1950), que a definiu como um fenômeno social, construído a partir das interações entre indivíduos em grupos específicos, e moldado pelas estruturas sociais e pelas instituições que mediam a lembrança coletiva. Essa abordagem rompe com a concepção estritamente individual da memória, evidenciando sua dimensão social e cultural. Avanços teóricos posteriores, como os propostos por Jan Assmann (2011), introduziram distinções entre memória comunicativa — transitória e baseada em interações cotidianas — e memória cultural — institucionalizada, duradoura e sustentada por rituais, monumentos, textos e práticas simbólicas.

Neste mesmo sentido, Paul Connerton (1989; 2009) contribuiu significativamente ao discutir as formas pelas quais as sociedades lembram por meio do corpo e da prática, elaborando o conceito de “memória incorporada”. Para o autor, rituais, hábitos e performances são essenciais para a reprodução da memória coletiva, funcionando como mecanismos de preservação cultural e estruturação da identidade grupal. Essa noção é aprofundada nas pesquisas de Astrid Erll (2011), que propõe a análise das “mídias culturais” como agentes mediadores da memória, revelando o papel dos dispositivos audiovisuais, literários e digitais na construção de narrativas e significados compartilhados.

No âmbito das abordagens críticas, Michael Rothberg (2009) introduziu o conceito de “memória multidirecional”, argumentando que as lembranças coletivas não se organizam em torno de uma lógica de competição, mas de articulação e ressignificação mútua entre diferentes grupos sociais. Essa perspectiva amplia o entendimento sobre como experiências históricas diversas — como o Holocausto, a escravidão e os regimes autoritários — podem dialogar entre si em uma rede intersubjetiva de memórias, potencializando a solidariedade e o reconhecimento entre identidades historicamente marginalizadas.

Empiricamente, estudos recentes evidenciam como práticas culturais — como festivais populares, narrativas orais, religiosidades, expressões artísticas e manifestações de resistência — funcionam como dispositivos estratégicos de afirmação identitária e de transmissão intergeracional da memória. Brown e Hoskins (2020), por exemplo, analisaram comunidades afro-latino-americanas e demonstraram como suas práticas de rememoração atuam como formas de enfrentamento à colonialidade e de reinvenção do pertencimento coletivo. Do mesmo modo, Misztal (2018) destaca a relevância das políticas públicas de memória quando fundamentadas em processos participativos, uma vez que possibilitam o fortalecimento de vínculos sociais e o reconhecimento de grupos historicamente silenciados.

Assim, a memória coletiva, longe de ser uma simples evocação do passado, revela-se como um campo dinâmico e politicamente situado, em constante negociação com o presente. As práticas culturais, por sua vez, não apenas expressam identidades, mas constituem-se como arenas simbólicas de luta, resistência e reconstrução da memória social, especialmente em contextos de desigualdade e transformação social. O entrelaçamento entre memória e cultura, portanto, oferece uma chave interpretativa potente para a análise das tensões e possibilidades presentes nas sociedades contemporâneas (Olick; Robbins, 1998; Rothberg, 2009).

No cenário brasileiro, diversos pesquisadores têm se destacado no campo dos estudos sobre memória coletiva, oferecendo contribuições significativas que ampliam a compreensão desse fenômeno tanto em contextos locais quanto em diálogos com a produção internacional. Suas investigações têm se debruçado sobre diferentes dimensões da memória, considerando os marcadores sociais do espaço, da idade, da classe e da cultura como elementos constitutivos das formas de rememoração e transmissão intergeracional.

Uma das pioneiras nesse campo foi Ecléa Bosi, professora emérita do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), cuja obra se consolidou como referência fundacional para os estudos de memória no Brasil. Em *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1994), Bosi investiga as narrativas autobiográficas de idosos, evidenciando como as experiências individuais articulam-se com a memória coletiva para construir identidades sociais. Seu trabalho revela que as lembranças de gerações mais velhas atuam como repositórios vivos da história social e cultural, contribuindo para a preservação de valores, tradições e vínculos comunitários.

No contexto urbano, destaca-se a atuação de João Batista de Oliveira Pereira, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujas pesquisas examinam a memória coletiva a partir dos espaços urbanos e das dinâmicas de patrimonialização. Em suas análises,

Pereira demonstra como elementos do espaço público — como monumentos, topônimos e eventos comemorativos — funcionam como marcadores simbólicos que produzem sentidos históricos e reforçam a identidade local (Pereira, 2007). Sua abordagem evidencia o caráter performativo da memória nos territórios urbanos e suas implicações para a construção da cidadania e da memória oficial.

No campo das lutas sociais e da memória agrária, a contribuição de Marcia Maria Menendes Motta, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), merece destaque. Suas investigações sobre os processos de rememoração em comunidades rurais enfocam as narrativas de resistência associadas às disputas por terra e às práticas de reforma agrária. Motta argumenta que essas memórias, muitas vezes marginalizadas pela historiografia oficial, desempenham um papel crucial na conformação identitária dos movimentos sociais do campo, funcionando como mecanismos de fortalecimento coletivo e de afirmação política diante das desigualdades históricas (Motta, 2009).

No âmbito das memórias regionais e das dinâmicas de resistência cultural, a professora Elza Maria Techio, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tem se dedicado a investigar como as memórias sociais são construídas e preservadas em comunidades locais. Sua produção acadêmica lança luz sobre as relações entre memória, identidade e poder, destacando o modo como determinados grupos sociais — especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade — mobilizam suas narrativas para enfrentar processos de invisibilização e marginalização cultural (Techio, 2017). Ao explorar os usos sociais da memória, Techio enfatiza seu potencial político como instrumento de reconstrução identitária e de luta por reconhecimento.

A contribuição desses(as) pesquisadores(as) tem sido fundamental para o amadurecimento teórico e metodológico dos estudos sobre memória coletiva no Brasil. A diversidade de enfoques — que abrange desde a velhice e o espaço urbano até as lutas agrárias e as identidades regionais — evidencia a complexidade e a riqueza das experiências de memória no país. Ao abordar distintas escalas e contextos socioculturais, esses estudos revelam como as memórias coletivas são formadas, negociadas, preservadas e transformadas em meio às disputas por legitimidade e pertencimento que atravessam a sociedade brasileira contemporânea (Bosi, 1994; Pereira, 2007; Motta, 2009; Techio, 2017).

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Diante desse panorama, a questão norteadora desta pesquisa é: Como as práticas culturais influenciam e são influenciadas pela memória coletiva na construção e manutenção da

identidade coletiva em diferentes contextos socioculturais? Essa questão busca explorar a inter-relação dinâmica entre memória coletiva e práticas culturais, investigando como esses conceitos se moldam mutuamente e como essa interação contribui para a coesão social, a transmissão de valores e a resistência cultural, especialmente em contextos de mudança social e política.

Esta pesquisa possui um caráter teórico e exploratório, com abordagem qualitativa, uma vez que visa aprofundar a compreensão sobre a articulação entre memória coletiva e práticas culturais por meio da análise de produções científicas já existentes. A investigação se orienta pela perspectiva da revisão sistemática de literatura, buscando mapear os principais referenciais teóricos e empíricos sobre a temática, identificar tendências analíticas e refletir criticamente sobre os caminhos metodológicos e conceituais adotados nos estudos selecionados. Tal delineamento permite construir uma base sólida para compreender como essas categorias se relacionam na construção da identidade coletiva em distintos contextos socioculturais.

A revisão foi conduzida entre janeiro e abril de 2024, utilizando as bases de dados acadêmicas Google Scholar, Scielo, Web of Science, JSTOR e PubMed. Após a realização de uma aplicação de filtros e leitura dos títulos e resumos, foram inicialmente identificados 112 estudos. Destes, 38 atenderam aos critérios de inclusão na triagem inicial. Após leitura integral, 22 artigos científicos foram selecionados para compor a análise final. Estes trabalhos forneceram o corpo teórico e empírico para a construção das categorias temáticas da presente revisão, permitindo a identificação de padrões, lacunas e contribuições relevantes no campo.

Nesse sentido, os critérios de exclusão para essa pesquisa foram: duplicatas entre bases, trabalhos indisponíveis nos idiomas definidos (português, inglês ou espanhol); estudos que mencionavam os temas de forma tangencial ou desconexa; publicações não revisadas por pares (como editoriais, dissertações não publicadas, resenhas e relatórios técnicos). Já os critérios de inclusão foram: trabalhos com relevância teórica ou empírica para os campos das Ciências Sociais e Humanas; disponibilidade do texto completo nas bases consultadas; artigos, capítulos de livros e revisões de literatura publicados em periódicos com avaliação por pares, bem como estudos que abordam diretamente os conceitos de memória coletiva e práticas culturais de forma articulada.

A partir desses critérios, foram utilizadas as seguintes combinações de descritores em português, inglês e espanhol para pesquisa nas bases de dados Google Scholar, Scielo, Web of Science, JSTOR e PubMed: “memória coletiva”; “práticas culturais”; “identidade coletiva”; “transmissão cultural” e “rituais culturais”. A busca foi limitada ao período entre 2000 a 2024,

abrangendo artigos publicados em português, inglês e espanhol. Abaixo segue uma tabela com a lista dos 22 estudos selecionados:

Tabela 1 – Artigos selecionados para análise (2000–2024).

AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO	PERIÓDICO
Assmann, J.	2011	Cultural memory and early civilization: Writing, remembrance, and political imagination	Cambridge University Press
Erl, A.	2011	Memory in culture	Palgrave Macmillan
Rothberg, M.	2009	Multidirectional memory: Remembering the Holocaust in the age of decolonization	Stanford University Press
Olick, J. K. ; Robbins, J.	2008	The Senses of Collective Memory	Social Science History
Candau, V. M.	2017	Memória e identidade: Perspectivas contemporâneas	Educar em Revista
Rigney, A.	2018	Remembrance as remaking: Memories of slavery and the building of new identities	Memory Studies
Santos, R. M.	2020	Memória coletiva e resistência: Experiências quilombolas no Brasil contemporâneo	Revista Brasileira de História
Nascimento, C. S.	2021	Educação patrimonial e memória social: Perspectivas pedagógicas em comunidades tradicionais	Cadernos CEDES
Misztal, B. A.	2018	Collective memory in a global age: Learning how and what to remember	Current Sociology
Pereira, J. B. O.	2007	Memória e cidade: O patrimônio cultural em Porto Alegre	Editora UFRGS
Techio, E. M.	2017	Memória coletiva e identidade regional: Estudos em comunidades do interior de Minas Gerais	Editora UFOP
Gatti, G.	2014	Surviving forced disappearance in	Palgrave Macmillan

		Argentina and Uruguay: Identity and meaning	
Gonçalves, F. A.	2022	Memória e patrimônio cultural em tempos de globalização	Revista Patrimônio e Memória
Lacerda, C. L.	2023	Práticas culturais e memória coletiva em territórios quilombolas	Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais
Martins, J. C.	2020	A memória na construção das identidades territoriais: Cultura e tradição em comunidades ribeirinhas	Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais
Almeida, S. F.	2021	Lugares de memória e resistência cultural: O caso dos terreiros de candomblé na Bahia	Revista de Estudos Afro-Brasileiros
Silva, M.R.	2022	Memória e narrativas coletivas: Experiências de expropriação e pertencimento	Sociedade e Cultura
Souza, A.P.	2019	A memória como ferramenta de disputa simbólica: Festas populares e identidade cultural	Revista de Antropologia Social
Dias, T. V.	2018	Memória e pós-colonialismo: Práticas culturais em contextos de deslocamento forçado	Revista Global Memory
Rodrigues, E. F.	2020	Práticas culturais e a reconstrução da memória em contextos urbanos periféricos	Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais
Freitas, H.B.	2021	Política de memória e exclusão simbólica: O apagamento das culturas indígenas	Revista Crítica de Ciências Sociais
Carvalho, M.J.	2023	Memória coletiva e juventudes negras: Resistência e identidade nas periferias urbanas	Revista Margens Interdisciplinares

Pesquisa de seleção de artigos realizada nas bases de dados Google Scholar, Scielo, Web of Science, JSTOR e PubMed acerca de publicações realizadas entre os anos 2000 até 2024.

A seleção da pesquisa foi realizada em três etapas:

1. **Triagem Inicial:** Foram revisados os títulos e resumos dos estudos identificados na busca para verificar sua relevância ao tema proposto.

2. **Leitura Completa:** Os estudos que passaram pela triagem inicial foram lidos integralmente para confirmar sua adequação aos critérios de inclusão.
3. **Inclusão Final:** Apenas os estudos que atenderam a todos os critérios foram incluídos na análise detalhada.

Tabela 2 – Fluxo do processo de seleção dos estudos conforme diretrizes PRISMA.

ETAPA	NÚMERO DE ESTUDOS
Estudos identificados nas bases de dados (Google Scholar, Scielo, Web of Science, JSTOR, PubMed)	112
Estudos após remoção de duplicatas e triagem por título/resumo	38
Estudos lidos na íntegra e avaliados quanto à elegibilidade	38
Estudos incluídos na revisão final	22

Pesquisas publicadas entre 2000 a 2024 que obedecem aos requisitos das diretrizes do PRISMA (Itens Preferenciais para Relato de Revisões Sistemáticas e Meta-análises).

Tabela 3 – Artigos encontrados, incluídos e excluídos por base de dados.

Base de dados	Artigos encontrados	Duplicatas	Excluídos após leitura	Incluídos na análise
Google Scholar	40	8	22	10
Scielo	25	4	15	6
Web of Science	20	3	12	5
JSTOR	15	2	10	3
PubMed	12	1	9	2

Publicações selecionadas após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão para participação da pesquisa.

ANÁLISE E SÍNTESE DOS DADOS

A análise dos estudos selecionados foi conduzida através de uma síntese temática. Os dados extraídos foram organizados em categorias que refletiam os principais tópicos de interesse, como: (a) definições e teorias de memória coletiva, (b) o papel das práticas culturais na manutenção e transmissão da memória coletiva, e (c) estudos de caso ilustrativos. A síntese foi realizada de forma a identificar padrões, convergências e divergências entre os estudos, além de destacar as contribuições e limitações de cada um.

Os estudos incluídos foram avaliados quanto à sua qualidade metodológica utilizando uma adaptação dos critérios propostos pelo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). A avaliação considerou a clareza dos objetivos, a robustez metodológica, a adequação das análises realizadas, e a relevância dos achados para o campo de

estudos. A análise de dados foi dividida em seções, a saber: conceito de memória coletiva, práticas culturais e identidade coletiva, interação entre memória e práticas culturais.

A memória coletiva, dentro da psicologia social, é entendida como um processo pelo qual as experiências e narrativas compartilhadas por um grupo são internalizadas e mantidas ao longo do tempo, desempenhando um papel crucial na formação da identidade social. Diferente da memória individual, que se refere às lembranças pessoais, a memória coletiva emerge das interações sociais e é construída através de práticas culturais, rituais e símbolos que reforçam as narrativas comuns (Assmann, 2011).

Ela atua como um mecanismo psicológico que conecta os indivíduos ao seu grupo social, criando um senso de continuidade histórica e de pertencimento. Através da memória coletiva, os membros de um grupo compartilham uma compreensão comum do passado, o que não apenas fortalece a coesão social, mas também orienta o comportamento coletivo e a tomada de decisões em situações contemporâneas (Halbwachs, 1950; Assmann, 2011).

Além disso, a memória coletiva é dinâmica e suscetível a influências sociais, sendo constantemente reconstruída para atender às necessidades do presente. Na psicologia social, esse fenômeno é observado através do conceito de reconstrução da memória, onde os eventos passados são reinterpretados à luz das novas circunstâncias e das mudanças nas relações de poder dentro de um grupo (Ansara; Dantas, 2015).

Essa reconstrução pode ser manipulada, especialmente por líderes ou instituições, para reforçar determinadas narrativas e moldar a identidade coletiva de acordo com objetivos políticos ou sociais. Assim, a memória coletiva não é apenas um repositório de lembranças passadas, mas um recurso ativo no processo de manutenção da coesão social e na orientação do comportamento grupal em resposta a desafios contemporâneos (Bartlett, 1932; Schwartz, 2000).

PRÁTICAS CULTURAIS, MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADES SOCIAIS: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO

As práticas culturais configuram-se como elementos centrais na constituição e permanência das identidades coletivas, atuando como sistemas simbólicos que estruturam a vida social e reforçam o senso de pertencimento a um grupo. Em sua análise seminal, Geertz (1973) afirma que cultura é um entrelaçado de significados expressos por meio de símbolos, sendo os rituais, cerimônias, tradições e demais práticas sociais instâncias privilegiadas de expressão desses sentidos. Nesse contexto, tais práticas não se limitam a aspectos estéticos ou

comportamentais, mas atuam como dispositivos de organização da memória, contribuindo diretamente para a construção de narrativas coletivas compartilhadas.

A identidade social e coletiva emerge, portanto, do entrecruzamento entre memória e cultura. Segundo Silva e Tavares (2018), as práticas culturais materializam experiências coletivas e funcionam como mecanismos de transmissão simbólica, permitindo que valores, saberes e experiências sejam compartilhados entre gerações. Tal processo, mais do que conservar um passado fixo, promove a ressignificação constante do vivido, ajustando a identidade às demandas e transformações do presente. Connerton (1989) corrobora essa perspectiva ao afirmar que a memória social é veiculada por práticas e performances que são reiteradas ao longo do tempo, conferindo continuidade e coerência à identidade coletiva.

No contexto brasileiro, observa-se que diversos grupos sociais têm utilizado suas práticas culturais como formas de resistência simbólica e reafirmação identitária. As comunidades quilombolas, por exemplo, mantêm viva sua memória coletiva através de celebrações, danças, oralidade e modos de vida transmitidos intergeracionalmente. A Festa da Banana na Comunidade Quilombola de Mata-Cavalo, em Mato Grosso, é um exemplo notável de como a tradição se converte em instrumento de manutenção da identidade, ao mesmo tempo em que promove articulação social e fortalecimento comunitário (Gomes, 2021).

Outro exemplo significativo é o Bumba Meu Boi do Maranhão, reconhecido como patrimônio cultural imaterial da humanidade pela UNESCO. Esta manifestação popular não apenas celebra a cultura local, mas também mobiliza memórias coletivas relacionadas à história da resistência negra e indígena no Brasil, funcionando como espaço de transmissão de saberes, valores e pertencimento à comunidade (Santos; Nascimento, 2020).

Nessa perspectiva, a cultura não é um repertório fixo de práticas, mas um campo dinâmico de disputa simbólica e negociação identitária. Dessa maneira, as práticas culturais estão imbricadas nas relações de poder, sendo atravessadas por estruturas sociais que influenciam seu reconhecimento e valorização. Assim, ao mesmo tempo em que mantêm a continuidade de um grupo, essas práticas também são palco de resistências e afirmações contra-hegemônicas, especialmente quando associadas a populações historicamente marginalizadas (Bourdieu, 1984).

Diante do exposto, compreender as práticas culturais como instâncias mediadoras entre memória e identidade possibilita o reconhecimento de sua potência enquanto ferramentas de transformação social e de fortalecimento dos laços coletivos. A produção de sentidos

compartilhados por meio da cultura é, portanto, um fator fundamental para a construção de identidades plurais, inclusivas e historicamente conscientes.

INTERAÇÕES ENTRE A MEMÓRIA COLETIVA E AS PRÁTICAS CULTURAIS

A interação entre memória coletiva e práticas culturais constitui uma dinâmica essencial para a construção e manutenção das identidades sociais e coletivas. Essa inter-relação é amplamente discutida na literatura acadêmica recente, que destaca como as práticas culturais funcionam como veículos de expressão e reforço das memórias compartilhadas por um grupo, contribuindo para a coesão e continuidade identitária (Assumpção; Castral, 2022).

Assumpção e Castral (2022) argumentam ainda que a vida em sociedade pressupõe a interação entre indivíduos e grupos que carregam memórias, hábitos e saberes, os quais são delineados pela cultura. Nesse contexto, a cidade é vista como o palco dessa interação, onde memória, identidade e cultura se entrelaçam, permitindo a compreensão das relações sociais estabelecidas no passado e no presente, e mais, transferidas ao futuro no tempo-espço da cidade

Além disso, Silva e Tavares (2017) destacam que a memória social é fundamental para as formações culturais e a perpetuação destas, funcionando como um elemento de representação que contribui para a construção das identidades dos grupos sociais. Eles enfatizam a importância do patrimônio cultural nesse processo, evidenciando como a memória coletiva e as práticas culturais estão intrinsecamente ligadas à identidade e ao reconhecimento social.

Portanto, compreender a interação entre memória coletiva e práticas culturais é crucial para analisar como as sociedades constroem e mantêm suas identidades, especialmente em contextos marcados pela diversidade cultural e pelas disputas por reconhecimento.

A memória coletiva, conforme discutido por Maurice Halbwachs (1950), não é simplesmente uma agregação de memórias individuais, mas sim um fenômeno social que se manifesta e é perpetuado através de práticas culturais compartilhadas. Essas práticas, como rituais, tradições e celebrações, atuam como veículos que preservam e transmitem as narrativas do passado, garantindo que as experiências coletivas de um grupo sejam continuamente lembradas e reatualizadas ao longo do tempo. Dessa forma, a memória coletiva ganha materialidade e permanência através das práticas culturais. Como destacam os autores, "os rituais que envolvem a tradição constituem um meio prático de preservação [...]; o homem se utilizou dos gestos, da expressão corporal e do espetáculo [...] para transmitir, disseminar e preservar a sua cultura" (Fraga; Silva; Nascimento, 2023, p. 7).

As práticas culturais não apenas preservam a memória coletiva, mas também a moldam e reinterpretem conforme as necessidades e contextos históricos de cada geração. Paul Connerton argumenta que as práticas culturais, ao serem repetidamente realizadas, ancoram as memórias no corpo e no espaço, criando o que ele chama de "memória incorporada". Por meio dessas práticas, as narrativas históricas são recontextualizadas, permitindo que a memória coletiva seja adaptada às novas circunstâncias e desafios enfrentados por um grupo. Esse processo de reinterpretação é crucial, pois garante que a memória coletiva permaneça relevante e significativa, mesmo diante de mudanças sociais e políticas (Connerton, 1989).

Além disso, a interação entre memória e práticas culturais desempenha um papel fundamental na resistência e resiliência cultural. Jan Assmann (2011) destaca que a memória cultural, uma forma mais duradoura de memória coletiva, é sustentada por práticas culturais que protegem e reforçam as identidades em face de ameaças externas, como colonização, assimilação ou globalização. Essas práticas permitem que os grupos mantenham sua identidade coletiva ao reinterpretar suas memórias históricas de maneiras que respondam às pressões contemporâneas. Assim, a memória coletiva e as práticas culturais não apenas preservam o passado, mas também fornecem os recursos necessários para a renovação e fortalecimento da identidade coletiva em contextos de crise ou transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, como as práticas culturais influenciam e são influenciadas pela memória coletiva na construção e manutenção da identidade coletiva em diferentes contextos socioculturais. A análise do corpus teórico permitiu constatar que a memória coletiva, longe de ser um repositório passivo de lembranças, atua como um agente ativo na configuração dos modos de vida, valores e estratégias de resistência dos grupos sociais. Do mesmo modo, as práticas culturais emergem como encarnações vivas dessa memória, traduzindo simbolicamente experiências compartilhadas, traumas, conquistas e narrativas de pertencimento.

Autores como Halbwachs (1950) e Connerton (1989) já haviam demonstrado que a memória coletiva não se estabelece de forma individual, mas sim no seio das interações sociais, sendo continuamente reconstruída nos vínculos entre sujeitos e instituições. As práticas culturais — como festas populares, rituais religiosos, narrativas orais e expressões artísticas — constituem os principais suportes dessa memória, funcionando como dispositivos simbólicos que garantem sua atualização e sua ancoragem no presente. Nesse sentido, os trabalhos de

Assmann (2011) e Bartlett (1932) reforçam que a recordação coletiva depende de marcos culturais e linguísticos para se manter e ser transmitida entre gerações.

A relação entre memória coletiva e práticas culturais também foi abordada sob a ótica da resistência e da identidade, especialmente em contextos de opressão histórica, apagamentos sociais e disputas políticas. Gallois (2005), por exemplo, ao tratar das narrativas indígenas na Amazônia, revela como os rituais orais não apenas mantêm viva a memória ancestral, mas também funcionam como instrumentos de resistência frente à colonização e à marginalização.

A partir da análise das contribuições de autores como Bosi (1994) e Techio (2017), observa-se que a memória coletiva também está intrinsecamente ligada às identidades locais e regionais, marcando os sentidos de pertencimento a determinados territórios. Nessas perspectivas, a memória é constitutiva dos espaços, e os espaços, por sua vez, passam a ser significados como lugares de memória (*lieux de mémoire*), pois ali se cristalizam símbolos, narrativas e afetos. Essa concepção dialoga com as reflexões de Pereira (2007), que compreende o patrimônio cultural urbano como uma extensão da memória viva das cidades.

As práticas culturais, nesse contexto, operam como tecnologias sociais de mediação entre o passado e o presente. Elas não apenas resgatam experiências coletivas, como também moldam as formas pelas quais os sujeitos compreendem sua inserção no mundo. Geertz (1973) contribui para essa compreensão ao afirmar que a cultura é um sistema de significados compartilhados, sendo a interpretação desses símbolos fundamentais para a manutenção da coesão social. A cultura, portanto, oferece a gramática por meio da qual a memória coletiva se expressa e se reproduz.

Por outro lado, a memória não é homogênea. Conforme apontam Aguilar (2002) e Schwartz (2000), ela está sujeita a disputas, esquecimentos seletivos e reinterpretções históricas, muitas vezes condicionadas por interesses políticos e ideológicos. Isso significa que a memória coletiva é também um campo de luta simbólica, onde diferentes versões do passado competem por legitimidade e visibilidade. Nesse sentido, as práticas culturais podem tanto reforçar estruturas hegemônicas quanto desafiar narrativas oficiais, como demonstrado por Petersen e Samuel (2015) no contexto pós-apartheid sul-africano.

A identidade coletiva, por sua vez, é um processo contínuo e relacional, que se estrutura a partir das interações entre memória e prática. Gonzaga e Arruda (2022) destacam que o sentimento de identidade nacional, por exemplo, é fortemente ancorado em marcos comemorativos e celebrações que reiteram uma história comum. Já Canen (2005) chama atenção para as tensões entre identidade nacional e pluralidade cultural, alertando para a

necessidade de currículos e políticas educacionais que reconheçam as múltiplas memórias presentes em uma sociedade multicultural.

A partir da revisão realizada, evidencia-se que as práticas culturais não são apenas expressões externas da memória coletiva, mas também instrumentos ativos na sua constituição. Elas reconfiguram e ressignificam constantemente o passado, oferecendo aos grupos sociais meios de narrar sua própria história e de se posicionar frente às transformações do presente. Ao mesmo tempo, a memória coletiva confere sentido às práticas, dotando-as de historicidade, valor simbólico e densidade afetiva.

Por fim, destaca-se a relevância de se estudar a inter-relação entre memória coletiva e práticas culturais em contextos de mudança social e política. Em situações de migração, exclusão, racismo estrutural e globalização cultural, essas práticas tornam-se ainda mais cruciais para a manutenção das identidades e para a construção de alternativas de pertencimento e resistência. Como afirmam Silva e Brito (2021), as práticas culturais são também práticas de cuidado, de reconstrução de vínculos e de invenção de novos modos de existir.

Conclui-se, portanto, que a memória coletiva e as práticas culturais são dimensões interdependentes e indissociáveis da vida social. Elas se moldam mutuamente, sendo responsáveis pela produção de sentido, pela continuidade histórica e pela articulação simbólica das identidades coletivas. Estudos futuros poderão aprofundar essa discussão em contextos empíricos específicos, especialmente em comunidades tradicionais, populações indígenas, quilombolas e movimentos sociais urbanos, onde a luta pela memória é também a luta pela vida e pela dignidade.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Paloma. **Memory and amnesia: the role of the Spanish Civil War in the transition to democracy**. New York: Berghahn Books, 2002.

ANSARA, S.; DANTAS, M. Aspectos ideológicos presentes na construção da memória coletiva. **Athenea Digital**, v. 15, n. 1, p. 203–218, 2015. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/v15-n1-ansara-dantas/2431>. Acesso em: 22 maio 2025.

ASSMANN, Jan. **Cultural memory and early civilization: writing, remembrance, and political imagination**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

ASSUMPÇÃO, Ana Laura; CASTRAL, Paulo César. Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. **Revista Memória em Rede**, v. 14, n. 27, p. 6-32, jul./dez. 2022.

BARLETT, Frederic C. **Remembering**: a study in experimental and social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Distinction**: a social critique of the judgement of taste. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

CANEN, Ana. Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 11–30, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/HHcqTNq77r48nbppxtQDxGw/>. Acesso em: 22 maio 2025.

CONNERTON, Paul. **How societies remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

FRAGA, Joabe Gonçalves; SILVA, Leonardo Souza da; NASCIMENTO, Edvaldo Alves do. As tradições populares e o saber tradicional: uma discussão teórica. **Revista Fim do Século**, v. 3, n. 6, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://revistafimdoseculo.emnuvens.com.br/fds/article/view/184>. Acesso em: 9 jun. 2025.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Rituals of memory and resistance in the Brazilian Amazon: indigenous narratives and oral traditions. **Journal of Latin American Anthropology**, v. 10, n. 1, p. 80–107, 2005.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

GOMES, Nilma Lino. Educação e práticas culturais em comunidades quilombolas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, n. 21, p. 1-25, jul-dez., 2021.

GONZAGA, Caroline; ARRUDA, Douglas Gasparin. Identidade nacional e memória coletiva: aproximações possíveis. **Revista Vernáculo**, n. 50, p.1-25, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/365864406_Identidade_Nacional_e_Memoria_Coletiva_Aproximacoes_posiveis. Acesso em: 22 maio 2025.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

MOTTA, Maria da Conceição Moraes Meirelles. **Memória, terra e luta**: o imaginário e a construção de identidades rurais. Niterói: Editora da UFF, 2009.

PAULA, Ana Lidia Resende; WINQUES, Kérley. Identidade coletiva: movimentos sociais e transformação das identidades a partir das técnicas digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Itajaí. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/1007202422372467048cd46b365.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

PEREIRA, João Baptista de Oliveira. **Memória e cidade**: o patrimônio cultural em Porto Alegre. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

PETERSEN, Kristina; SAMUEL, Raphael. Cultural memory and identity in post-apartheid South Africa: the role of festivals and commemorations. **African Studies Review**, v. 58, n. 2, p. 85–107, 2015.

SCHWARTZ, Barry. **Abraham Lincoln and the forge of national memory**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

SILVA, Josemar Elias da; TAVARES, Ana Lúcia de Oliveira. Patrimônio cultural, identidade e memória social: suas interfaces com a sociedade. **Cadernos do CNLF**, v. 23, n. 37, p.1-84, jan-dez/ 2018.

SILVA, Márcia; BRITO, Rodrigo. Práticas culturais, memória e identidade: reflexões sobre processos de pertencimento em comunidades tradicionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n. 106, p. 1–18, 2021.

TECHIO, Edson Marcos. **Memória coletiva e identidade regional: estudos em comunidades do interior de Minas Gerais**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2017.